



ALUCINAÇÃO:

Suportar o dia-a-dia como aposta metodológica

Laíra Assunção Braga¹

Resumo: Este texto parte de uma pesquisa de mestrado realizada através do Programa de Psicologia Institucional, da Universidade Federal do Espírito Santo, entre os anos de 2017 e 2019. A referida pesquisa buscou compor um trabalho, junto às crianças, sobre como estas aproveitam as brechas nos discursos e práticas que regulam corpos, gêneros e sexualidades. A pesquisa se deu na maior parte do tempo em duas praças públicas do município de Vitória, no Espírito Santo. Considerando as circunstâncias e condições do campo, as pesquisas com cotidianos se mostraram uma escolha interessante para trilhar o caminho metodológico no trabalho. A partir das considerações de Alves (2015), Certeau (2014), da música alucinação do compositor Belchior, dentre outros, entendemos que a praça, enquanto campo, convidava a pesquisadora a se colocar em posição de disposição aos diversos rumos que as brincadeiras, conversas e práticas da praça poderiam indicar para a pesquisa. Enquanto ocupava os espaços, a pesquisadora também se tornava praticante dos cotidianos, desse modo, as implicações com o campo apareceram durante todo o trabalho. O percurso apresentado no texto não busca ser tomado como um manual, mas como contribuição para caminhos metodológicos comprometidos com as experiências dos praticantes de cotidianos.

Palavras-chave: Pesquisas com Cotidianos; Crianças; Metodologia.

Eu não estou interessado, em nenhuma teoria
 Em nenhuma fantasia, nem no algo mais
 Nem em tinta pro meu rosto, ou oba oba, ou melancolia
 Para acompanhar bocejos, sonhos matinais.

Eu não estou interessado, em nenhuma teoria
 Nem nessas coisas do oriente, romances astrais
 A minha alucinação, é suportar o dia-a-dia
 E meu delírio é a experiência com coisas reais

Um preto, um pobre, uma estudante, uma mulher sozinha
 Blue jeans e motocicletas, pessoas cinzas normais
 Garotas dentro da noite, revólver: cheira cachorro
 Os humilhados do parque, com os seus jornais

Carneiros, mesa, trabalho, meu corpo que cai do oitavo andar
 E a solidão das pessoas, dessas capitais
 A violência da noite, o movimento do tráfego
 Um rapaz delicado e alegre, que canta e requebra

¹ Graduada em Psicologia e Mestre em Psicologia Institucional pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES.

É demais!

Cravos, espinhas no rosto, rock, hot dog
 Play it cool, baby, doze jovens coloridos
 Dois Policiais, cumprindo o seu duro dever
 E defendendo o seu amor e nossa vida
 Cumprindo o seu duro dever e defendendo o seu amor
 E nossa vida


Mas eu não estou interessado em nenhuma teoria
 Em nenhuma fantasia, nem no algo mais
 Longe o profeta do terror, que a laranja mecânica anuncia
 Amar e mudar as coisas, me interessa mais
 Amar e mudar as coisas
 Amar e mudar as coisas, me interessa mais. (BELCHIOR, 1976)

Iniciamos com a canção² de Belchior os apontamentos sobre o caminho metodológico trilhado em uma pesquisa de mestrado intitulada “O que podem as crianças, quando a maquinaria corpo, gênero e sexualidade falha?”. Tratou-se de um trabalho realizado com crianças e os atravessamentos de gênero e sexualidade em seus corpos. A escolha dessa música para disparar um diálogo sobre o fazer pesquisa é desejo de indicar a tentativa de produzir conhecimento a partir da *experiência com coisas reais*. Nessa canção, Belchior passeia por cenas diversas, musicalizando cotidianos, se atentando para as ditas coisas reais. Desse mesmo modo, buscamos um modo de produzir conhecimento onde os cotidianos pudessem aparecer, também, na ciência.

A referida pesquisa foi realizada por uma estudante de mestrado do Programa de Pós Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo, sob orientação e apoio de professores orientadores e parceiras do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Sexualidades da mesma Universidade.

A proposta inicial do trabalho era ocupar o espaço de duas praças públicas, na cidade de Vitória, no Espírito Santo e participar de práticas e relações, por entre as crianças, que trouxessem os anúncios das questões de gênero e sexualidade. As praças

² “Alucinação”, canção composta nos anos 70 por Antônio Carlos Belchior, nordestino estimado por quem arrisca essa escrita, morte em 2017, mas caminho vivo. Alucinação, como outras tantas composições de Belchior abre caminhos para um fazer diferente do que se pensava, um convite para dar espaço para outras existências que escapem do que foi teorizado. A própria vida de Belchior é um anúncio desse outro modo de existir. Nada convencional, escapou de muitas prescrições e cessou sua existência nas margens da produção musical hegemônica. Há relatos de uma continuidade de composição musical após seu “sumiço” desde 2007, mas, tendo ocorrido de fato, isso se deu na localidade, distante da captura musical tradicional.




escolhidas foram duas no município de Vitória, no Espírito Santo. A praça de Jardim Camburi e de Itararé, bairros popularizados como classe média e periferia, respectivamente. Inicialmente, as escolhas se deram permeadas por suspeitas políticas de certos filtros nos investimentos em espaços públicos em determinados locais. Desse modo, considerar as diferenças entre os recursos dispostos, tais como brinquedos, quadras, bancos, parques para animais, dentre outros acessos, pareciam atrativos para encontrar crianças e femininos divergentes entre um lugar e outro. Além de esperar por situações opostas, havia, com a pesquisadora a ânsia por afirmar a criança da dita periferia como corpos ousados, atrevidos, pouco vigiados.

A praça no bairro de Jardim Camburi, considerada como sendo do bairro de classe média, comporta um campo gramado; uma quadra; um espaço de lazer para animais domésticos; um parque de areia com balanços, escorregadores e gangorras; bancos e mesinhas. Nas noites são ofertados serviços de alimentação, por *food trucks*, os carros de comida. A maior movimentação é percebida no período da tarde, após o horário escolar. Vê-se muitas crianças no parque de areia, acompanhadas de adultos. Muitas crianças uniformizadas pela escola e muitos adultos com uniformes de uma empresa de minério de ferro que emprega muitas pessoas do bairro. Frequentemente, existem pula-pulas montados, que cobram R\$ 5 e o uso costuma ser concorrido. A praça é cercada por prédios residenciais e pequenos comércios.

A outra praça, localizada no bairro de Itararé tem uma extensão territorial maior. Conta com um parque com gramado sintético e muitos brinquedos, incluindo escorregadores altos, com tubos para a descida. Também possui uma academia popular com diversos aparelhos de musculação, um campo gramado e uma quadra. No fim da tarde, já é possível perceber a organização de diversas barracas para alimentação e alguns *food trucks*. Nos arredores, farmácias, um supermercado, uma escola e pequenos comércios. O bairro é passagem para alguns morros da região e aparece com certa frequência nos noticiários da cidade como um lugar de incidência de tráfico de drogas.

As praças colocaram diante da pesquisa o desafio de lidar com a descontinuidade, com a cena que é modificada a todo tempo, alterando os personagens e as situações. Uma pesquisa que se arrisca por esse espaço precisa ponderar que esse é um lugar de movimento. Esse foi um dos fatores considerados ao se pensar uma metodologia possível para esse campo.

Outro ponto respeitado para se pensar o caminho metodológico foi a intenção de se trabalhar com crianças nesse contexto. Não havia interesse de se pesquisar com



crianças para trazer dados do desenvolvimento cognitivo ou físico delas. Pesquisou-se modos de estabelecer relação e de resistir às estratégias de poder e não cabia isolar uma certa amostra de pesquisa, identificando-a e expondo cada criança individualmente, apesar de todas importarem em suas singularidades. O objetivo era estar com crianças em suas práticas, sem a intenção de identificá-las. Desse modo, dispensou-se o uso de termos de consentimento. Todavia, em todas as intervenções e/ou conversas houve a disponibilidade para falar com os habitantes da praça sobre a pesquisa, explicando seus objetivos e informando onde e como ela estava sendo construída.

Escutando as especificidades do campo, entendemos que as pesquisas com cotidianos, poderiam indicar caminhos metodológicos nesse contexto. Desse modo, também afirmamos uma aposta ética e política de produção de conhecimento que não buscasse campos e sujeitos que se enquadrassem no método, mas justamente o contrário, um método que respondesse ao campo, respeitando seus movimentos.

Não se pode negar que existem defesas para as afirmativas de que o científico é dado a partir de objetos de pesquisa isoláveis e comportamentos classificáveis. Seguindo nossa proposta de pesquisar com crianças, entendemos que essas restrições para o que supostamente é científico são esforços “adultizados” de controlar variáveis e prever a vida. Tomamos outro caminho que, por mais clichê que seja, só é possível no caminhar. Nos encontramos com as descontinuidades, as localidades e os afetos que pulsam em cada sujeito envolvido. Neutralidade e imparcialidade não cabem nesse modo de pesquisar. A implicação do pesquisador, as aceitas e as recusas são condições de uma pesquisa que se faz com o vivo.

Alves (2015), aponta que pesquisar *com* cotidianos implica estar disponível e atento aos detalhes, ao que parece sutil e sem importância, mas que anuncia modos de fazer e estabelecer relação naquele espaço. Essa aposta metodológica coloca o pesquisador em posição de experienciar, também, as práticas do campo. As barreiras da cientificidade tradicional que delimitam tão nitidamente o espaço do pesquisador e dos sujeitos pesquisados perdem seus contornos endurecidos.

Retomando a canção de Belchior, não estar *interessado em nenhuma teoria* se aproxima da nossa proposta metodológica pois pensamos que a pesquisa escapa de intenções e expectativas carregadas de teorias que se propõem prontas e universais, que aparecem antes do corpo, antes da experimentação e dos sentidos. Entretanto, produzir saber desinteressado de teorias duras e imutáveis não implica uma ausência de cuidado no pesquisar. A pesquisadora é convocada a manter, por meio do olhar atento ao que se

passa, ao que escapa, ao dito e ao não dito, uma ética de pesquisa interessada em sujeitos e suas práticas, para além das teorias.

Estar atento aos detalhes mais triviais como as *espinhas no rosto* na canção de Belchior. É nisso que se acredita ao pensar uma forma de produzir ciência e saber, onde o corpo do dito pesquisador consiga estabelecer uma relação com o campo de pesquisa que não seja de verificação, mas sim, de experimentação.

Sentir os cheiros, os sabores, as texturas; deixar-se afetar pelas sensações; habitar os espaços, circular por eles; ouvir pessoas e sons. Alves (2015) discute os movimentos de pesquisas que se dão nos cotidianos. Ela retoma Certeau (2014) e em ambos é possível ir tecendo a compreensão do cotidiano como uma complexidade de atos, de jeitos de fazer, de vestir, de comer, de educar e de aprender, dentre muitas outras práticas possíveis aos chamados praticantes.

Como já dito, os lugares pensados foram praças, inicialmente duas, consideradas por realidades socioeconômicas específicas. Mas ao longo do trabalho, as sensibilidades e atenções que a praça suscitou se atualizaram em outros lugares e outras geografias apareceram. Assim como a praça trouxe cena e práticas de outros espaços, a disposição de pesquisa construída na praça também se atualizou fora dela.

Foucault (2013) possibilita a discussão de espaços que atualizam outros, as heterotopias. A praça abriga muitos outros espaços. Um evento religioso reunindo fiéis na praça do bairro, dispõe sobre ela a realidade de uma igreja. As crianças colorindo a praça de uniformes fizeram pensar, em alguns instantes, que viviam um momento coordenado pela escola ali. Mas na realidade, só migraram grupalmente e, em algumas conversas, percebi que o tema ainda era a tarde escolar, mas num outro espaço.

A moda dos *food trucks*, os caminhões de comida, o que mais é, senão a organização de restaurantes na praça? Não se tratam apenas de um carrinho ambulante com pipoca ou churros. Neste caso, ocorrem investimentos em oferta de serviços em praça pública, quando até então só eram pensados em um estabelecimento fixo. Desse modo é que me aproximo de Foucault (2013) para pensar a praça como uma das possibilidades desses outros espaços, ou seja, a praça como uma heterotopia: “Em geral, a heterotopia tem como regra justapor em um lugar real vários espaços que, normalmente, seriam ou deveriam ser incompatíveis” (FOUCAULT, 2013, p. 24).

Do mesmo modo, a pesquisadora que ganhou corpo na praça e se atentou aos movimentos lúdicos e descontraídos que ela possibilitava não se desvinculou da pesquisa em outros locais por onde passou. Outros espaços e temporalidades

apareceram. Afinal, como poderíamos simplesmente omitir movimentos intensos por não terem se dado na demarcação específica que a ciência tradicional convidou a nomear como campo de pesquisa?


A atenção para as práticas que compuseram essa pesquisa se deu a partir de meados do ano de 2017, após muitas trocas com o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Sexualidades e manteve-se ativa nos campos até Junho de 2018 onde entendeu-se que já havia muito a ser dito com as crianças para esse trabalho. No período de um ano foram feitas visitas com uma programação prévia de periodicidade quinzenal nas duas praças pesquisadas. Entretanto, algumas situações como chuvas e outras condições climáticas inviabilizaram a manutenção da programação e, mais uma vez, entendemos que este modo de pesquisar tem o ritmo ditado pelo campo.

Para essa aventura de andanças de praças e afins, o uso da narrativa tornou-se um recurso de escrita que dá caminho para a memória e produção de sentido com o vivido, com o experienciado nos encontros. (ALVES, 2015). Não são relatos isentos para produção de análises e interpretações. As afetações que atravessam o corpo da pesquisadora compõem em cada contorno das cenas/narrativas.

Narrar tornou-se o modo de produzir texto e a conversa o modo de estar junto com praticantes de cotidianos. A aposta na conversa aparece como potência em uma pesquisa com cotidianos por essas se darem nos encontros, no estar junto com o outro e não seguirem roteiros. Um roteiro presume o regime de entrevista, a tentativa de previsibilidade ou de tentar criar um campo mais ou menos demarcado dentro das respostas possíveis. A conversa é a abertura à possibilidade. Aquilo onde se começa falando de uma coisa e se é conduzido a outra, por fios múltiplos, por uma palavra que muda o rumo da prosa. (RODRIGUES, 2009).

Aos modos de Alves (2015), o acesso às práticas cotidianas adquire um contorno particular em cada pesquisa e as conversas que tomaram rumos diversos nos mostraram isso. Desse modo, não caberia um roteiro de entrevista ou um protocolo de abordagem dos sujeitos previamente definidos ou estruturados. A pesquisadora contou, de antemão, com a disposição de atenção e porosidade às práticas. Para nenhuma das abordagens, conversas e narrativas que apareceram na pesquisa seria possível um instrumento como uma entrevista. Nas práticas cotidianas experimentadas, os instrumentos foram se fazendo pelas demandas do campo e seus praticantes.

Uma pesquisa feita de conversas e narrativas. Importante pontuar que não há uma intenção autoral quando falamos das narrativas. Elas não são (somente) de quem as



escreve, nesse caso, da pesquisadora mestranda. Os praticantes que apareceram na pesquisa também trouxeram narrativas e assim foram-se tecendo as realidades dos espaços. Fazer uso das narrativas se constitui como investimento de se manterem vivos os sentidos e afetos nos/dos encontros, possibilitando a quem nos lê tornar-se, também, um conversante com a narrativa.

A partir das conversas e narrativas, a pesquisadora também se tornou uma praticante e a produção desse saber se formou no coletivo. A condução da pesquisa se concentrou na figura da mestranda, mas a produção não se deu isoladamente. Certeau (2014) provoca o lugar de autoria individualizante que é comum aos discursos científicos. Ele aponta que, na realidade, uma rede é construída no fazer pesquisa e isso extrapola as limitações individuais.

Ao “esquecer” o trabalho coletivo no qual se inscreve, ao isolar de sua gênese histórica o objeto de seu discurso, um “autor” pratica, portanto, a denegação de sua situação real. Ele cria a ficção de um lugar próprio. Malgrado as ideologias contrárias de que pode ser acompanhado, o ato de isolar a relação sujeito-objeto ou a relação discurso-objeto é a abstração que gera uma simulação de “autor”. Esse ato apaga os traços da pertença de uma pesquisa a uma rede – traços que sempre comprometem, com efeito, os direitos autorais. Camufla as condições de produção do discurso e de seu objeto. Esta genealogia negada deixa lugar ao teatro combinando um simulacro de objeto com um simulacro de autor. Um discurso manterá, portanto, uma marca de cientificidade explicitando as condições e as regras de sua produção e, em primeiro lugar, as relações de onde nasce. (CERTEAU, 2014, p.104)

Em Rodrigues (2009), há, também, uma afirmativa do fazer pesquisa em meio a redes, malhas tecidas nos cotidianos que conectam, fazem circular, produzem jeitos de inventar a vida, modos de habitar o espaço, de se articular com estratégias de poder. Nas redes em que ousamos na pesquisa, o tecido foi composto por jeitos crianceiros e os jeitos adultizados; normas de gênero; núcleos familiares e praças públicas; brincadeiras de meninas; brincadeiras de meninos e aquelas apenas brincadeiras; tudo isso junto e misturado, costurando discursos e práticas sobre corpos.

Não houve um ponto de chegada demarcado, onde entregaríamos uma certa teoria, um conhecimento que, legitimado como científico se tornaria produção de verdade aplicável. Dialogando com Foucault (1979, p.71), pensamos que: “a teoria não expressará, não traduzirá, não aplicará uma prática: ela é uma prática. Mas local e regional, não totalizadora.” Assim, isso que podemos chamar de uma certa teoria já seria, por si só, uma prática. Se mistura, produz e intervém nas práticas.

Nesse sentido, Belchior e Foucault parecem concordar a não aceitar uma teoria que se separa da prática, produzindo uma intelectualidade que analisa e aplica conceitos a um campo, em busca do *algo mais* do sujeito, como se diz na canção. Nesse modo de fazer, cabe o *delírio da experiência com coisas reais*.

Amar e mudar as coisas me interessam mais, dizia Belchior. Mudar as coisas com essas existências espertas que são as crianças, pareceu-nos um convite interessante. Com dúvidas, questionamentos e surpresas, crianças conseguiram incomodar, provocando as ações de desespero para reiterar normalidades, para fazer valer as estratégias disciplinares. No descuido dessa disciplina é que ela fez e aconteceu.

Pesquisar com crianças convocou, mais uma vez, um deslocamento da pesquisadora, pois não era intenção construir um conhecimento a partir da ótica adulta. O convite se deu para que experimentássemos com crianças, como crianças, entendendo que elas se constituem, também, enquanto praticantes de cotidianos, reinventando os modos de fazer e de existir. Para tanto, foi preciso, inicialmente, se incomodar com uma constituição social onde a criança aparece como ser passivo, educável, que mais tem a aprender sobre o fantástico mundo dos adultos, onde a disciplina, a vigilância e até a dominação saltam como condição de convivência com elas. Existir criança parece implicar estar localizado sempre em relação ao existir adulto, ela acontece no embate com o adulto e isso se dá pelo imperativo de que elas têm que aprender como é o mundo.

Uma pergunta motivou tal incômodo e a pesquisa de modo geral. Quais outros mundos seriam possíveis se a existência criancieira fosse considerada em si e não apenas como uma fabricação para o existir adulto?! Como construir pensamento e palavra com práticas desinteressadas ou desinteressantes, mas que anunciam outros modos de estabelecer relações éticas, estéticas e políticas com o corpo, diferentes do que o regime adultocêntrico convoca?

A seguir, trataremos uma cena que compôs o conjunto de resultados para possibilitar a visualização metodológica da pesquisa. Na praça localizada no bairro periférico, a pesquisadora se encontrou com meninas. Eram três e elas conversavam dentro do parquinho, sentadas em um dos brinquedos de escorregar. Como em outras intervenções, a conversa da pesquisadora com as crianças se dava pela oportunidade, pela abertura que se dava por um sorriso, um olhar ou pela proximidade física, incluindo a pesquisadora na cena da conversa. Nesse caso, a conversa foi possível pois

uma das meninas sorriu e a pesquisadora entrou na cena. Falava-se de um ocorrido na escola.

- Eu vou arrastar a cara dela no chão!
 - Por que você quer fazer isso? Quem é essa pessoa? (Pesquisadora).
 - Ah, uma menina da escola que briga com todo mundo!
 - Ela estava brigando com uma menina hoje, na porta da escola, chamou a menina de piranha!
 - Sim, ela é muito encrenqueira.
 - Por que ela chamou a menina de piranha? (Pesquisadora).
 - Ah, não sei! Disseram que ela estava xingando a mãe da menina, mas na verdade 'tava' chamando ela de piranha.
 - Parece uma situação chata. Quando isso aconteceu? Alguém separou a briga? (Pesquisadora).
 - Hoje, na porta da escola. Tinha gente olhando, mas ninguém fez nada.
 - Sempre tem brigas assim? (Pesquisadora)
 - Sempre. As meninas são briguentas. Gargalhadas.
 - As meninas? E os meninos, brigam também? (Pesquisadora)
 - As meninas é que brigam mais!
- Uma delas mudou o rumo da prosa para falar de cabelos:
- Estou com o cabelo bagunçado!
 - Como assim, bagunçado? (Pesquisadora)
 - Está bagunçado igual ao meu. Disse a outra.
 - Então meu cabelo também parece bagunçado. Mas eu gosto dele. (Pesquisadora, que tem o cabelo cacheado).
 - Ah, mas o seu está bonito!
 - Para ficar bonito o meu, teria que estar assim! Fez um gesto de passar a mão pelo cabelo fazendo peso sobre ele.
- (DIÁRIO DE CAMPO, 10.05.2018)

A reclamação parecia ser dos fios arrepiados. A conversa continuou sobre cabelos cacheados e lisos, da pluralidade estética e voltou-se ao assunto da briga agendada para o dia posterior, com intervenções diretas da pesquisadora durante todo o tempo. A discussão dessa cena na pesquisa considerou a capacidade das meninas de transitar por diferentes expressões, bagunçando as supostas coerências que buscam se aplicar sobre os corpos em relação ao gênero.

A discussão sobre como as meninas transitaram pelos terrenos da vaidade e da agressividade, foi feita no texto da referida dissertação. Aqui neste texto, nosso olhar se volta para o modo de abordagem e a postura da pesquisadora em campo. Nessa cena, a pesquisadora fez perguntas, intervenções sobre o ocorrido na escola e, por fim, seu corpo já se encontrava envolvido diretamente no diálogo, quando o cabelo entra em pauta.

A conversa, como uma técnica e um recurso para a pesquisa, possibilitou essa transição entre temáticas, conforme aponta Rodrigues (2009). Um roteiro de entrevista ou questionário já pronto possivelmente não abriria espaço para essa transição que se constituiu como elemento fundamental na pesquisa que buscava, justamente, captar

como a criança aproveita as brechas para subverter as propostas identitárias rígidas e imutáveis de experiência do corpo. A disponibilidade para acompanhar o passeio pelos temas tão diversos, tecendo discursos e corpos tão singulares foram os grandes desafios e convocações da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos trazer, nesse texto, alguns apontamentos sobre os caminhos adotados em uma pesquisa com crianças em um espaço como a praça. Certamente, essa não é a única possibilidade metodológica para uma pesquisa como a proposta. Entretanto, considerou-se que, pesquisar com crianças os modos como elas conseguem subverter e produzir escapes nas estratégias disciplinares e normalizantes que incidem sobre seus corpos implicaria um método que possibilitasse a experiência no campo considerando todas as forças que ele pudesse nos apresentar.

Desse modo, entendemos que construir roteiros de abordagens desses corpos em praça implicaria o risco de perda da potência dos próprios encontros enquanto produção de realidade de um determinado contexto cotidiano. Sabemos dos desafios desse tipo de pesquisa, principalmente no que refere ao cuidado com o rigor ético e ao reconhecimento científico. Eticamente, cuidamos para que nenhum dos sujeitos envolvidos fosse exposto, apesar de não serem homogeneizados e serem considerados em suas singularidades. Em relação ao reconhecimento científico, insistimos por construir uma ciência que alcance os sujeitos em suas realidades, que seja construída por eles e não apenas para eles.

Retomando a canção de Belchior, que ajudou a pensar um método para essa pesquisa, acreditando que a *experiência com coisas reais*, foi um modo mais honesto de falar com as crianças em sua capacidade inventiva de praticar o cotidiano.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda. Questões teórico-metodológicas nas/das/com as pesquisas em educação. In: GARCIA, Alexandra; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. (org.). **Nilda Alves: praticantepensante de cotidianos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p.133 a 169.
- BELCHIOR, Antônio Carlos. **Alucinação**. Álbum Alucinação. 1976.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1 Artes de Fazer**. 22 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

RODRIGUES, Alexsandro. Sexualidade(s) e Currículo(s): práticas cotidianas que nos atravessam produzindo experiências. Orientador: Carlos Eduardo Ferraço. **Tese (doutorado)** – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação: Vitória, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: N-1, 2013.

Alucinación: soportar el día a día como una apuesta metodológica

Resumen: Este texto es parte de una investigación de maestría realizada a través del Programa de Psicología Institucional de la Universidad Federal de Espírito Santo, entre 2017 y 2019. Esta investigación buscó componer un trabajo, con niños, sobre cómo aprovechan las brechas en discursos y prácticas que regulan cuerpos, géneros y sexualidades. La investigación tuvo lugar la mayor parte del tiempo en dos plazas públicas en la ciudad de Vitória, Espírito Santo. Teniendo en cuenta las circunstancias y condiciones del campo, la investigación con vida cotidiana ha demostrado ser una opción interesante para seguir el camino metodológico en el trabajo. A partir de las consideraciones de Alves (2015), Certeau (2014), la música de alucinación del compositor Belchior, entre otros, entendemos que el cuadrado, como campo, invitó a la investigadora a ponerse en disposición de las diversas direcciones que los juegos, conversaciones y prácticas de la plaza podrían indicar para la investigación. Mientras ocupaba los espacios, el investigador también se convirtió en un practicante diario, por lo que las implicaciones para el campo aparecieron a lo largo del trabajo. El curso presentado en el texto no busca ser tomado como un manual, sino como una contribución a los caminos metodológicos comprometidos con las experiencias de los profesionales de todos los días.

Palabras-clave: Investigación con vida cotidiana; Niños; Metodología

Recebido em: 01/10/2019

Aceito em: 11/12/2019